

JUSTIFICATIVA

Justificar este projeto de lei seria desnecessário, se pudessemos considerar apenas o momento em que estamos vivendo. Com efeito, José Antônio Mendes, o Zequinha do Armarinho Santo Antônio, é das figuras mais conhecidas e respeitadas de Ubá. O mesmo se pode dizer de sua digníssima esposa, dona Maria de Lourdes.

Mas o tempo passa. A memória das coisas se apaga. Daí a necessidade de documentos, de testemunhos para a redação da história dos povos. Assim, a justificativa que ora apresentamos visa mais ao futuro do que ao presente.

Por que estamos propondo a concessão do título de cidadão ubaense ao seu Zequinha?

Porque é o Presidente de uma empresa comercial que tem quatrocentos e setenta empregados?

Porque sua empresa recolheu nos últimos anos mais ICM do que cerca de 650 municípios mineiros?

Porque mantém uma clínica médica e uma clínica odontológica para seus funcionários e seus dependentes - aquele grupo humano carinhosamente denominado FAMÍLIA ASAL?

Porque Armarinho Santo Antônio, apesar da propalada crise nacional continua se expandindo?

Porque Armarinho Santo Antônio, além de pagar o 13º salário - que é de lei - paga também, e espontaneamente, o 14º salário?

Não!

O presente projeto não foi inspirado pela grandeza material do Armarinho Santo Antônio. O que nos inspirou e nos motivou foi a trajetória de seu Zequinha. Se fizéssemos um gráfico de sua trajetória comercial, veríamos que partiu de um ponto abaixo de zero a atingiu uma quantidade enorme de pontos acima de zero.

Seu Zequinha é o testemunho vivo de que o homem pode superar a adversidade. Homenageá-lo é para nós uma forma de lançar esperança e alento nos corações desesperançados e desalentados.

* * * * *

O pai de seu Zequinha, José Rodrigues Vieira Mendes, estudou odontologia na Escola de Odontologia de Ubá. Chegou ao final do curso. tirou retrato de formatura. Mas não pode formar-se.

Por que não pôde formar-se?

Simplesmente porque não tinha dinheiro para pagar o débito que havia contraído com a escola.

Apesar de não ter podido obter o diploma, resolveu por conta própria exercer a odontologia. Foi assim que se transformou em dentista prático.

Enquanto seu José Rodrigues trabalhou, a família teve recursos para sobreviver. Com o falecimento de seu José, porém, a situação da família ficou extremamente difícil. Seu José não deixou nada de material. Nem dinheiro, nem bens.

Com a morte do pai, seu Zequinha se sentiu responsável pelos quatro irmãos menores e pela mãe. Era o irmão mais velho. Tinha quinze anos, e em Silverânia não via possibilidade de conseguir emprego. Então, com quinze anos de idade, trouxe a família para Ubá.

Seu primeiro emprego foi num açougue. Trabalhou uma semana. Quando foi receber o pagamento, ficou sabendo que estava trabalhando por conta da comida.

Tendo em casa mãe e quatro irmãos menores para sustentar, não se conformou e largou o emprego.

O segundo emprego foi numa padaria. Durou pouco também. Coisa de quinze dias.

Depois passou uns tempos na roça, trabalhando com um parente. Da roça voltou à cidade, trabalhando com o senhor José Sales Collares.

Alguns tempos depois passou a trabalhar por conta própria, mas teve de interromper sua atividade comercial para regularizar a situação militar.

Por volta de 1944 comprou um açougue. Ficou no ramo até 1951. Chegou a ganhar dinheiro.

Em 1951 resolveu mudar de ramo. Deixou o açougue e comprou um caminhão. Foi um desastre. Perdeu quase tudo e teve de recomeçar a vida. Mas recomeçou com coragem e determinação.

Ficou "esbarrado" por algum tempo. Depois voltou a trabalhar com o senhor José Sales Collares. Sua tarefa consistia em introduzir nas praças de Caratinga e Governador Valadares o nosso Abacatinho e a nossa Soda de Maçã - que o senhor Sales Collares produzia.

Em Caratinga, onde fazia pião, teve a idéia de tentar a vida vendendo miudezas. Procurou então um amigo que lá residia e pediu-lhe orientação.

O amigo foi cem por cento. Deu-lhe orientação precisa, o que comprar e onde comprar.

Seguindo a orientação, começou a fazer as suas comprinhas (o capital era pequeno) e começou a vender. Punha as miudezas numa mala e saía vendendo por perto de Ubá. A coisa foi dando certo. Ele se animou. Dentro de pouco tempo achou que poderia progredir muito mais se comprasse uma caminhonete. A lembrança do caminhão ainda estava bem viva, na cabeça dele e na cabeça da esposa.

Hesitou, mas a tentação foi mais forte. Vendeu a casa e comprou a caminhonete.

Deu certo. Daí pra frente deslanchou. Hoje tem 39 caminhões e cerca de 100 (cem) viajantes. A empresa está vendendo por semana cerca de um bilhão de cruzeiros.

* * * *

O êxito comercial não lhe subiu à cabeça. Continua um homem simples, dedicado ao trabalho, à família, à comunidade e à religião. O Deus que o amparou nos momentos difíceis continua hoje merecendo as suas orações. Se ontem pedia, hoje agradece.

É um homem de fé. Sabe que recebeu de Deus uma tarefa. Sabe que os momentos difíceis passaram. Mas podem voltar. O importante para ele é não esquecer que, como cristão, não pode em momento algum duvidar dos desígnios de Deus. Pode não entendê-los, mas não pode contestá-los. O que seu Zequinha deseja é que na alegria ou na tristeza, na saúde ou na doença, na prosperidade ou na adversidade possa sempre dirigir-se ao Pai Celestial e do fundo do coração dizer-lhe com toda a sinceridade: Pai, faça-se em mim segundo a Tua vontade.

* * * *

Seu Zequinha é casado com dona Maria de Lourdes Campos Mendes, a dona Inhá. Do casamento nasceram Afonso Ligório (hoje vereador do PDS e uma das mais ilustres figuras desta Casa), Maria Inês, Zélia, Elisabeth, Sinval, Marlene, Marjose, Acilda e Josélia.

Os filhos do casal são todos ubaenses. Mas dona Inhá é do Rio Pomba. Não é ubaense de nascimento, mas é ubaense pela preciosa semente que deitou em nossa terra, os filhos que enriquecem moral, social e materialmente a nossa comunidade. É ubaense pela convivência. É ubaense pelo desdobramento e transbordamento do seu coração. É ubaense por ter assimilado a nossa cultura e ter-se diluído em nossa comunidade, irmanando-se às pessoas que tiveram ou têm o privilégio de conviver com ela. E é ubaense também porque a grandeza de Armarinho Santo Antônio contém muito dos seus sacrifícios, das suas economias, das suas canseiras, das suas angústias, das suas esperanças, do seu estímulo e da sua confiança em Deus e no futuro.

E uma razão final para encerrar nossa justificativa. Está em Mateus, capítulo 19:

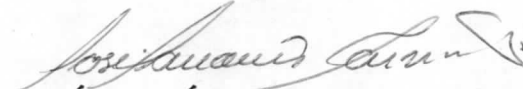
"Por isso deixará o homem pai e mãe, e juntar-se-á com sua mulher, e os dois serão uma só carne. Por isso não mais são dois, mas uma só carne. Portanto, não separe o homem o que Deus juntou."

Seu Zequinha e dona Inhá têm vivido como uma só carne. Não nos compete a nós separá-los. Se juntos lutaram, se juntos construíram, que juntos recebam o nosso reconhecimento e as nossas homenagens.

Por esses motivos entendemos de JUSTIÇA estender-se também a dona Inhá, mais formalmente, a dona Maria de Ourdes Campos Mendes, o título de cidadania honorária que estamos propondo seja concedido também a seu esposo, o senhor José Antônio Mendes.

Ao apresentarmos este projeto, contamos com a compreensão e o apoio da edilidade ubaense.

Sala das Sessões, 23 de junho de 1984



JOSÉ JA NUÁRIO CARNEIRO NETO

Geraldo Bicalho Calçado